

Fisiologista formado na UEL participa de ciclo paralímpico

Após trabalhar com a seleção de futebol de sete no Rio-2016, José Irineu Gorla atuará junto a outras duas modalidades em Tóquio-2020

Vítor Ogawa
Reportagem Local

O esporte paralímpico brasileiro tem um toque pé-vermelho. O coordenador do Lafea (Laboratório de Avaliação Física em Exercício e Esporte Adaptados) da faculdade de educação física da **Unicamp** (Universidade Estadual de Campinas), José Irineu Gorla, foi fisiologista da seleção brasileira de futebol de sete paralímpico durante a Paralimpíada do Rio-2016 e participa do ciclo para Tóquio-2020 em outras duas modalidades. Ele esteve em Londrina recentemente, para visitar o fisiologista do LEC, Belmar Ramos Junior.

Gorla possui graduação em educação física pela UEL (Universidade Estadual de Londrina), especialização em avaliação da

performance motora pela universidade londrinense, mestrado e doutorado em educação física na área de atividade física, adaptação e saúde pela **Unicamp**, pós-doutorado na faculdade de medicina da **Unicamp** e atualmente é professor livre docente do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada.

“Eu trabalho com essa parte de fisiologia do esporte paralímpico. Nós tivemos a oportunidade de, no ciclo paralímpico de 2012 a 2016, acompanhar a seleção brasileira de futebol de sete paralímpico, que é praticado por paralisados cerebrais”, descreveu o fisiologista. Nesse período, ele acompanhou e monitorou o controle da carga de treino dos atletas. “Esse trabalho coadunou com o terceiro lugar na Paralimpíada do Rio-2016 e a conquista da medalha de



Professor da Unicamp colaborou para a conquista do bronze pela equipe brasileira

bronze”, relatou.

Infelizmente, a seleção brasileira de futebol de sete não terá a oportunidade de tentar outra medalha em Tóquio-2020, porque a mo-

dalidade é uma das duas que deixaram o programa paralímpico para a próxima edição dos Jogos. “O futebol de sete não vai para o Japão, mas pode voltar no próximo ciclo. Continuamos preparando a seleção brasileira para a participação no Mundial e em campeonatos na América”, explicou Gorla, que descreveu a experiência que viveu no Rio-2016 como “única”.

“Foi muito importante, porque, além de trabalhar com pessoas com deficiência, há algumas modificações de adaptações nos treinos. Por exemplo, você tem um hemiplégico (pessoa com paralisia cerebral que afeta um lado completo do corpo), em que um lado é comprometido, e num determinado momento do jogo ele precisa marcar do outro lado. Aí, você treina só o lado que não está comprometido para poder fazer essa marcação. Essas experiências foram desenvolvidas ao longo dos treinamentos”, apontou o fisiologista.

“É sensacional poder participar de um momento histórico para o Brasil e ao mesmo tempo com pessoas que têm essas limitações, essas deficiências, e que tiveram essas histórias de superação de coisas do dia a dia delas”, afirmou. “A organização em si da Paralimpíada pelo Brasil e a colocação em que o País ficou

mostraram o que representamos dentro do mundo da Paralimpíada. Hoje, o Brasil é a oitava força no mundo”, ressaltou Gorla, que utiliza a experiência que viveu com

esses atletas nas aulas de graduação que ministra na **Unicamp**: “A gente forma essas pessoas que trabalham com os indivíduos que têm deficiência.”

Bocha e pedra, os próximos desafios

José Irineu Gorla enaltece todos os atletas que se destacam pela própria superação, mas tem admiração especial por Daniel Dias, recordista masculino em pódios na natação paralímpica, com 24 medalhas conquistadas. “No futebol, tem atletas como o Wanderson, que tem uma monoplegia, e o Marcos, goleiro da seleção brasileira que já participou da sua sexta Paralimpíada, mesmo sendo um jovem com pouco mais de 30 anos”, elogiou o fisiologista.

“Na seleção brasileira, você treina uma vez por mês. Você junta os atletas e depois eles voltam para os seus clubes e fazem o mesmo trabalho que a gente já tinha feito na seleção. Isso faz com que depois a gente tenha que recuperar aquela etapa que eles não treinaram”, apontou. Gorla afirmou

que no período preparatório no último ano antes da competição houve uma intensificação dos treinos: “Todo mês a gente tinha uma etapa de dez a 15 dias e isso ajudou muito na preparação”.

Além da seleção brasileira de futebol de sete, neste ciclo paralímpico Gorla está acompanhando a equipe da bocha paralímpica e a de pedra. “Estamos preparando todo um rol de avaliações dessas modalidades para os técnicos, para que possam preparar os atletas para o ciclo paralímpico de Tóquio. Algumas seleções, como a de bocha, já começamos a avaliar no período de treino”, relatou.

A equipe de bocha já passou por avaliações em agosto e dezembro do ano passado e agora serão feitas novas análises para esse ciclo. “O Brasil tem chances na bocha e na pe-

tra. Na bocha, a seleção brasileira já é uma referência e tem muita chance de medalhas. É só fazer o trabalho certinho e desenvolver isso”, comentou o fisiologista. “Os técnicos são bons, os atletas são excelentes e, tendo a oportunidade, juntando a parte fisiológica e o controle de treinamento, é medalha certa”, garantiu.

Já a pedra fará sua estreia na Paralimpíada de Tóquio. Trata-se de uma modalidade do atletismo na qual os atletas correm com os seus próprios pés apoiando-se em uma armação com três rodas anexadas a um suporte para o corpo. O corredor tem o apoio de um assento e de um suporte para tronco e o guidão é utilizado para direcionar. “O Brasil tem muitas chances de medalhas na pedra também”, apontou Gorla. (V.O.)

“A organização e a colocação em que o País ficou mostraram o que representamos no mundo da Paralimpíada”